

Apresentação

“A FRONTEIRA TEM ROSTO DE MULHER” trajetórias de vida no Sul Global

Peti Mama Gomes¹
Malenna Clier F. Farias²
Arantxa Santos³

É com imensa satisfação que apresentamos às leitoras e aos leitores da Revista Caderno 4 Campos, o dossiê intitulado: *A fronteira tem rosto de mulher: trajetórias de vida no Sul Global*. Nos últimos quarenta anos houve, nas Ciências Sociais, Humanas e áreas afins, o aumento de interesse pelos Estudos de Gênero nas mais diversas perspectivas de análise crítica e situada. Como havíamos, destacado na chamada deste dossiê, o “Sul Global” (ou Sul geográfico), bem exemplificado pela Amazônia, é concebido historicamente como “regiões de fronteira” no campo político, econômico, territorial, simbólico e epistemológico devido a um processo histórico de colonização e supressão de categorias sociopolíticas similar (Santos & Meneses 2013). Paralelamente, Anzaldúa (1987) considera a fronteira como um fenômeno de indefinição na formação da individualidade social e cultural de sujeitas(os) que transitam entre as margens nacional, étnica, sexual, linguística, religiosa etc.; um lócus que torna possível a experiência de

¹ Doutoranda em Antropologia (PPGA-UFPA). Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/6270426694680011>> E-mail: mamina31gomes@gmail.com
² Doutoranda em Antropologia (PPGA-UFPA). Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/3355083524480594>>. E-mail: malennafarias@gmail.com
³ Mestranda em Antropologia (PPGA-UFPA). Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/0930090381211098>>. E-mail: arantxaccsantos@gmail.com

multipertencimento, que desencadeia instabilidade identitária e incômoda às tentativas de homogeneização cultural e social.

Nessa ótica, os trabalhos que compõem esta chamada agregam nas reflexões sobre mulher(es) nos diversos contextos de Sules Globais. Desse modo, com esta publicação, acreditamos atender à convocação de Gloria Anzaldúa (2000) a nós, mulheres nas/das fronteiras, para que desenterremos a voz que está soterrada em nós, a fim de registrarmos o que os outros apagam quando falam sobre nós e, assim, reconheçam outras sujeitas que também fazem e transformam histórias. Para nós, é recompensador atender ao desafio de nos chocar, nós mesmas, com novas formas de perceber o mundo, isto é, de “evocar as realidades pessoais e sociais, não através da retórica, mas com sangue, pus e suor” (Anzaldúa 2000:235). Em outras palavras, atender ao desafio de abrir-se para o mundo enquanto experiência temporal, histórica para-com-as-outras.

Assumindo uma posição de trânsito, os relatos analíticos reunidos e transmitidos neste dossiê, contribuem para caracterizar esse “rosto fronteiro no Sul Global”, quando os silêncios tornam-se palavras narradas e escritas. Os rostos fronteiros vão, assim, se desenhando em uma dinâmica de não fixação em uma margem específica, porque estão em movimento por entre margens, dividindo o lugar de fala e de escuta com outras sujeitas igualmente históricas. O(a) leitor(a) será levado(a) a aproximar-se geograficamente, historicamente e socialmente de diversas experiências e vivências que entrelaçam e horizontalizam as percepções de diferentes formas de ser, estar e de se apresentar no mundo feminino nas Amazônias, espalhadas por oito países sul-americanos e na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa - CPLP.

Além de artigos e ensaios, o dossiê traz protagonismo de vozes femininas no formato de entrevistas, evocando outra linguagem e enunciação acadêmica, pautada na crítica à naturalização dos fenômenos sociais que produzem conhecimentos e saberes dentro e fora da academia. As entrevistas transformaram-se em subjetividade destacada no entendimento de que os conceitos acadêmicos e teorias podem também ser oralmente constituídos como fenômenos históricos, culturais e socialmente legitimados no fazer científico localizado nos sules globais. Dessa maneira, este dossiê divide-se em duas seções: a primeira seção apresenta seis artigos, majoritariamente de autoria feminina, e a segunda seção reúne sete entrevistas de mulheres de variados contextos socioculturais.

O dossiê inicia com o artigo de Iadira Antonio Impanta, intitulado “Histórias de vida, experiências e campo de possibilidades de algumas mulheres guineenses”. A autora apresenta, dentro do fazer antropológico bissau-guineense, as histórias de vida que imprime em palavras acadêmicas, o empoderamento de mulheres de diferentes gerações, suas formas de travar lutas por direitos, sobretudo pela igualdade de gênero, a partir da criação e participação da União Democrata das Mulheres de Guiné e Cabo-Verde (UDEMU), antes da independência (nas lutas de libertação) e no pós-independência na Guiné-Bissau. Por outra forma, com a etnografia, Iadira descreve três importantes histórias de vidas e experiências de mulheres guineenses integrantes da UDEMU que revolucionaram a conjuntura sociopolítica, cultural e econômica do país.

No segundo artigo, Heloisa Maria Paes de Souza e Gabriel de Souza Maia analisam como as narrativas femininas de muçulmanas convertidas ao islã em Luanda, capital angolana denunciam os discursos e práticas de islamofobia fomentadas pelas grandes mídias e governos de países considerados “Norte Global”, tendo sua influência na política interna: o Estado e sociedade civil. De acordo com Heloisa e Gabriel, há um elemento que aponta a experiência da islamofobia, no contexto angolano, como especialmente uma experiência de gênero, ou seja, com rosto de mulher. As muçulmanas angolanas estão no limiar da identidade feminina, traduzida na afirmativa: “Não é porque ela é angolana que não pode ser muçulmana”, que intitula o artigo.

O terceiro artigo, de Thayllany Mattos dos Santos e Conrado Neves Sathler, apresenta as batalhas de rima de 55 MC’s entre mulheres-cis, homens-cis com destaque à primeira travesti, MC Yara, a representar o estado do Pará em seletivas nacional. Uma narrativa ancorada em abordagem de decolonialidade e interseccionalidade atenta às variáveis de gênero, raça e classe nas seletivas estaduais para o Duelo de MC 's Nacional 2020. Em um tom de revolta, a narrativa denuncia as dinâmicas de violência estrutural de gênero que, inegavelmente afeta corpos em situações de subalternidade, como populações indígenas, quilombolas, ribeirinhas, caboclas, rurais e periféricas. Trata-se de uma narrativa que busca ecoar a cena da injustiça gritante em dados estatísticos sobre a região norte brasileira e intensificada pela pandemia.

O ensaio de Alessandra Viviane Vasconcelos Bezerra, nos convida a refletir sobre o pensamento decolonial a partir do gênero como categoria de análise, sem deixar

de lado a observância das relações de poder. Ao caracterizar os pensamentos e obras de autoras como Maria Lugones, Mara Viveros e Lélia Gonzalez, advoga por uma lente de análise que parta da intersecção entre as variáveis de classe, raça, gênero e sexualidade. Conscientemente posicionada, a autora localiza a situação histórica brasileira conservacionista e atual como condição política necessária para manter relações de poder assimétricas para as mulheres negras que, segundo a autora, são fruto de processos históricos que combinam a abolição tardia e a invenção da raça, o que nos leva a refletir que o Brasil de hoje, resulta de uma não revisão de seu passado colonial: uma nação que não se pensa por suas experiências de subalternidade.

Jennifer Portela de Sales, Maria Angelica Motta-Maués e Telma Amaral Gonçalves, no quinto artigo, abordam questões familiares constituintes das trajetórias de vida de três “*garotas*”, na cidade de Belém, especificamente nas plataformas virtuais onde acontecem intercâmbios afetivo-sexuais e econômicos. Sob uma escrita comparativa de alternância das vivências, as autoras focam em questões familiares como relação com a mãe, assédio e violência sexual dentro de casa, casamento, trabalho, sexualidade, dentre outras questões que atravessam um universo fronteiriço. Ao observar as relações com suas mães, essas mulheres pensam a si mesmas e ao mundo social de desigualdades de gênero em que foram construídas suas trajetórias. Neste mundo de desigualdades é que se forjam as fronteiras de suas identidades, constituintes da ocultação de sua atuação e do protagonismo como “acompanhantes”.

O último trabalho desta sessão é de Thaís de Oliveira Costa, e se apresenta com uma forte narrativa ensaística, na qual a autora participa da linhagem genealógica que produz trajetórias de subversão para as mulheres negras de gerações anteriores à sua. “Ela driblou o fogo” é o relato de fugas das amarras colonial, religiosa, branca e patriarcal que sua bisavó, avó e mãe inventaram para viver no Ipaupixuna, planalto santareno, região oeste do Pará. Neste relato autobiográfico, que traduz a trajetória de uma família inteira de descendência negra e pobre na Amazônia brasileira, a autora aborda assuntos pertinentes às questões familiares como relação intergeracional, pobreza, violência de gênero, negação do acesso à direitos básicos como educação, saúde, transporte, maternidade, infância, etc. De natureza igual, provoca as experiências de fuga das antecessoras que, através da educação, abriram caminhos para a sua recente experiência com a educação pública e gratuita, conferindo-lhe, antes de tudo, uma posição subversiva.

Aos artigos aqui reunidos, somam-se ainda sete entrevistas de mulheres em diferentes geografias e fronteiras que revelam olhares políticos, precisos, localizados e críticos conduzidas pelo antropólogo, Ramiro Esdras Carneiro⁴. Estreando uma nova sessão no Caderno 4 Campos, as entrevistas a seguir trazem narrativas de luta e libertação, reverentes por trazerem publicamente e sem filtros a admiração por outras mulheres, sob várias formas de reconhecer a autoridade em outros corpos e vozes femininas. Notam-se, trajetórias atravessadas pela história de vida de outras mulheres, quais sejam mães, avós, caticas, professoras, de gerações anteriores ou coetâneas às que estão na vez de falar; de mulheres também do outro lado da fronteira geopolítica, em um movimento de substância e consciência política, pelo qual a confluência de outras subjetividades demarca-se não para pôr em disputa discursos sobre si, mas para nivelar este discurso, reconhecido em sua “grandeza feminina” (Marçal 2022). Assim, as narradoras compartilham trajetórias de violência e desigualdade de gênero, racismo institucional e estrutural, processos de institucionalização de lutas coletivas e reconhecimento étnico, reconhecimento profissional, a experiência da pandemia do SARS-CoV-2 e as diversas formas de feminismos elucidados em outros termos.

Evangelina Sônia dos Santos Jeanjacque, indígena-mulher, mãe, acadêmica de direito na UNIFAP, professora de seu povo *Galibi-Kali'nã-Tilewuyu*, e pesquisadora-militante, compartilha em palavras ditas oralmente e transcritas com os leitores e as leitoras do Caderno 4 Campos, sua trajetória de vida profissional e lutas em diálogo diretamente com o movimento na fronteira franco-brasileira, em especial a fronteira Oiapoque.

Peti Mama Gomes, feminista negra africana, pesquisadora-ativista em caminhada diaspórica pela América Latina e participante de redes e coletivos de mulheres africanas, compartilha conosco sua experiência diaspórica no Brasil-colonizado, destacando os impactos que o ensino superior instaurou em sua vida, bem como, as redes construídas a partir de então.

⁴ Destacamos que as entrevistas foram realizadas de modo remoto em atenção aos protocolos sanitários vigentes, considerando a declaração da Organização Mundial da Saúde, de 30 de janeiro de 2020, que constitui o surto do novo coronavírus (SARS-CoV-2) uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional, a qual, em 11 de março de 2020, foi caracterizada como uma pandemia em virtude dos surtos em vários países e regiões, de acordo com a matéria publicada no site da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), 2020. Matéria disponível em < <https://www.paho.org/pt/news/30-1-2020-who-declares-public-health-emergency-novel-coronavirus> >. Acesso em: 04 jul 2022.

Lilia Oliveira, brinda-nos com *Fronteira, política e diversidade* a partir dos arranjos próprios comunitários e associativos do movimento indígena em nível regional e nacional, a partir do seu exercício parlamentar e vice-presidente da Câmara Municipal de Oiapoque. Sua fala focaliza os aprendizados no mundo político e a construção coletiva para a defesa e promoção dos direitos dos povos originários.

Katia Domingos é professora na rede federal de ensino do estado do Amapá, onde nasceu e reside; engajada na luta por educação pública e de qualidade, cidadania e direitos humanos na fronteira franco-amapaense, é uma das responsáveis pelo estreitamento das relações entre o órgão sindical e os trabalhadores e trabalhadoras em condição de vulnerabilidade.

Priscila Karipuna, mulher indígena pertencente ao povo *Karipuna* da aldeia *Kunanã*, na Terra Indígena *Juminã*, região do baixo rio Oiapoque, mãe de dois filhos, assume a posição de coordenadora em articulações indígenas, estudante do curso de direito na UNIFAP, traz para o centro das discussões, principalmente sua preocupação com as estratégias promovidas para articulação interétnica, bem como, os desafios que enfrenta ao longo de sua trajetória como mulher indígena, mãe, representante política interétnica e as outras identidades que constroem sua biografia.

Ana Paula da Fonte é cientista social formada pela USP, pós-graduanda em Diversidade Étnico-Cultural e em Práticas Integrativas e Complementares em Saúde, teve sua experiência de atuação por muito tempo como coordenadora do Programa Oiapoque no Instituto de Pesquisa e Formação Indígena. Ana Paula é mãe de dois filhos (Manoel e Mariana), coordenadora de campo em área de Socioeconomia na empresa Ecology and Environment.

Laura Sofía Fontal Gironza é ativista-pesquisadora latino-americana, formada em sociologia pela Universidad del Valle, na Colômbia, mestra em Antropologia Social pela UFPA. Laura compartilhou com os(as) leitores(as) do Caderno, em espanhol, sua rica percepção sobre as fronteiras do sul global, sua relação com as paisagens políticas em movimento e colonialismo em curso na Amazônia colombiana e brasileira, assim como suas impressões sobre os impactos da pandemia SARS-COV-2 nesses países, um assunto constante e inevitável.

Acabamos de ser agraciadas, nesta breve apresentação, com histórias de mulheres inspiradoras, quer dizer, em linhas gerais, conhecemos as autoras que anunciaram em outro lado da fronteira seus multipertencimentos, as ações e estratégias de lutas cotidianas; trajetórias e histórias sobre suas vidas em coletividade, em que o poder representativo de como a narrativa demarcada por fronteira, gênero, raça, classe, sexualidade, etnia e gerações desnaturalizam os discursos hegemônicos do sules globais.

Nós, mulheres, pesquisadoras, antropólogas e organizadoras do dossiê, partilhando da mesma força que move Svetlana (2016) em *A guerra não tem rosto de mulher*, ressaltamos a satisfação de constatar a qualidade dessas pesquisas, além da diversidade temática trazidas por elas(es) e a riqueza de vozes femininas em formato de artigos, ensaios e entrevistas. Desejamos uma ótima leitura e esperamos que este dossiê não apenas provoque reflexões e se tornem referência para futuras pesquisas acadêmicas como também inspire mulheres a ultrapassar as várias fronteiras pelas quais se deparam ao longo de suas trajetórias de vida.

Boa leitura!

Julho de 2022.

Referências

- Aleksievich, Svetlana. 2016. *A guerra não tem rosto de mulher*. São Paulo: Companhia das Letras. Tradução: Cecília Rosas.
- Anzaldúa, Gloria. 1987. *Bordelands/ La Frontera*. The new mestiza. San Francisco: Aunt Lute Books.
- _____. 2000. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. 1/2000, ano 8. *Revista Estudos Feministas*. Tradução: Édna de Marco. p. 229-236.
- Marçal, Maria-Mercè. 2022 [1977]. Fragmentos do discurso sobre a autoridade feminina. *Caderno de leituras*. n. 149. Tradução: be rgb Meritxell Hernando Marsal. p.03-07.
- Santos, Boaventura de Sousa, M. P. Meneses. 2013. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez Editora MB; epub.